

Sindicalista responde aos radicais. E pede mais realismo.

Nos bastidores da vigília anti-recessão, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Vicente Paulo da Silva, trava uma disputa interna com os setores intransigentes da Central Única dos Trabalhadores (CUT), como os grupos trotskistas Convergência Socialista e O Trabalho. "Eu respeito a posição deles, por isso espero que os integrantes dessas correntes também respeitem a nossa idéia, apoiada pela diretoria do sindicato, pela categoria e pela militância", contra-atacou Vicentinho, acusado pelos radicais de promover um ato de conciliação de classes.

"Não abriremos mão em momento algum do nosso princípio de independência, do nosso princípio de greve", reforçou o sindicalista. A Convergência e O Trabalho, que controlam a direção regional da CUT na Capital, convocaram uma manifestação paralela no centro da cidade. Ambas as tendências discordam da presença, na vigília de São Bernardo, do governador Luiz Antônio Fleury e do

presidente da Fiesp, Mário Amato, considerados "co-responsáveis" pela crise. O presidente do sindicato de São Bernardo, que é também dirigente da CUT, aproveitou o episódio para defender uma atitude mais realista: embora também critique Fleury e Amato, Vicentinho acha que empresários e políticos exercem o poder e devem ser questionados publicamente pelos trabalhadores. "É o poder que decide", justifica.

A CUT paulistana, por sua vez, voltou à carga contra o pacto discutido por Vicentinho com o governo e as montadoras, em particular a idéia de que os trabalhadores renunciem temporariamente a reivindicações salariais. "Organizamos um ato classista, contra o Collor, com partidos de esquerda e movimento sindicais e populares", afirmou o secretário Vitor Giannotti, ligado à corrente radical "CUT pela base". "Para nós, não interessa sentar à mesma mesa com Amato ou Fleury, já que o trabalhador não pode ceder mais nada", arrematou.